

SUAS CONTAS
Consulte
a seção
Suas Contas
na Pág. 3

DOMINGO - 2 DE FEVEREIRO DE 1992

Economia

& NEGÓCIOS

O ESTADO DE S. PAULO - 1

02 FEV 1992

Economia - Brasil

Governo prepara medidas anti-recessão

Setores prioritários vão ter incentivos para a retomada da produção

VANESSA DE GODOY e
GLEISE DE CASTRO


O governo vai adotar novas medidas para incentivar a retomada da produção em alguns setores da economia. A decisão não significa o abandono da política de aperto fiscal e monetário. "Vamos criar estímulos para algumas áreas, mas sem sacrificar o combate à inflação", afirmou ao Estado o secretário de Política Econômica, Roberto Macedo. A preocupação é reduzir o impacto social da recessão. "Estamos atentos aos indicadores sociais", disse o secretário.

As medidas anti-recessivas estão em estudo no Ministério da Economia. Macedo prefere não revelar detalhes ainda, mas adianta que a idéia é incentivar certos setores considerados prioritários. "Vamos dar estímulos localizados para áreas que possam ser mais úteis ao programa econômico", explicou. Os incentivos vão além dos estímulos à exportação que o presidente Fernando Collor deve anunciar na semana que vem. Macedo ressalta, porém, que as medidas amenizam a recessão, mas não significam a retomada do crescimento. O aperto monetário e a política de juros altos continuam. Crescimento, de fato, só quando o País alcançar uma "taxa de inflação civilizada", diz o secretário.

Impacto — Macedo admite que o desemprego aumentou, mas "está longe daquele verificado na recessão de 81/83". Na sua opinião, a chegada da nova safra, com previsão de boas colheitas, também terá efeito anti-recessivo. A política recessiva tem um custo, mas "é favorável ao crescimento a médio e longo prazo", justifica. O impacto recessivo, afirma o secretário



André Dusek/AE

Roberto Macedo

Incentivos não vão colocar em risco o combate à inflação

rio, está sendo exagerado.

Para empresários e economistas, contudo, a recessão, que vem castigando o País desde o segundo semestre do ano passado, só conseguiu até agora exibir sua face perversa, refletida na queda da produção, quebra de empresas e uma multidão de desempregados. O custo tem sido alto, argumentam, porque a inflação não mostra sinais de queda. As taxas ensaiaram um recuo mínimo em dezembro. Mas, mal o País entrou em 1992, os índices retomaram a faixa dos 25%,

abandonada no final do ano passado.

"Vale a pena sustentar essa política?", pergunta Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas no Estado de São Paulo. Os ganhos em redução da inflação, quando ocorrem, diz, são mínimos e o custo social pesadíssimo. Para o economista, as pressões sociais e também políticas, que devem surgir com a proximidade das eleições municipais, vão forçar o governo a mudar de rota este ano, apesar da austeridade proposta na carta de intenção assinada com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Com isso, diz, a recessão pode diminuir, mas a inflação vai para o espaço. Só alterações estruturais, como a abertura da economia e a diminuição do tamanho do Estado funcionam, afirma.

Demissões — Os estragos da recessão, traduzidos em números, mostram uma intensidade comparável à de 1981 a 1983, a mais longa vivida pelo País neste século e uma das mais profundas de sua história. O nível médio de ocupação do parque industrial paulista chegou a 68,5% em dezembro, abaixo dos 71,7% de dezembro de 1983. Em 1991, 6.583 empresas pediram falência na cidade de São Paulo, quantidade quase três vezes maior do que em 1990, engrossada por mais 703 pedidos feitos até 30 de janeiro.

Aos 158.531 trabalhadores demitidos pela indústria paulista em 1991, uma queda de 8,45% em relação a 1990, somam-se mais 16.526 até a terceira semana de janeiro. O número de desempregados até agora só fica atrás do registrado em 1981 (284.400 trabalhadores) e em 1990 (225.104). Mas, na velocidade com que as dificuldades caminham, o grau de desemprego logo deverá chegar aos recordes históricos.

■ Mais informações na página 4

Como enfrentar a recessão

O que fazer



- 1 — Pchinchar preços, pedir descontos e não comprar mais que o necessário



- 2 — Aplicar no mercado financeiro todo o dinheiro que sobrar, não deixá-lo em conta corrente



- 3 — Exigir orçamento para contratar qualquer serviço doméstico



- 4 — Substituir produtos de grifes por similares de qualidade equivalente



- 5 — Manter regulado o motor do carro e andar de ônibus sempre que possível

O que não fazer



- 1 — Evitar comprar a prazo, reduzindo ao máximo, se inevitável, o número de prestações



- 2 — Nunca comprar qualquer produto sem pesquisar ao menos em três lojas



- 3 — Não estocar alimentos e nem manter apego a marcas



- 4 — Não deixar a geladeira com a boracha de vedação estragada



- 5 — Não deixar luzes acesas em cômodos vazios. Não demorar mais do que o necessário sob o chuveiro

Manual de sobrevivência

A recessão impõe mudanças de hábitos. Quando a renda mensal corre sérios riscos, é no mínimo prudente economizar, a começar pelo momento da compra. Decisões apressadas devem ser evitadas. Pchinchar e pesquisar pre-

ços sempre significa cruzeiros a mais no bolso. Mas existem outras providências úteis. O chuveiro na posição "verão" gasta 30% menos energia.

■ Mais informações na página 5